



SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: PROTAGONISMO JUVENIL E PRÁTICAS COMUNITÁRIAS

MENTAL HEALTH IN ADOLESCENCE: YOUTH LEADERSHIP AND COMMUNITY PRACTICES

DOI: 10.5281/zenodo.22019415



Andriele Franco Pereira¹
Áquila Negrini da Silva²
Bernardo Rodrigues de Oliveira³
Daniel Lisboa Soares⁴
Cristiane Fernandes⁵
Roberto Fernandes Junior⁶
Valéria Calipo⁷
Cristiano de Jesus Andrade⁸

1 Doutoranda em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: andrielepsyco@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6794353277420229>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9355-0362>.

2 Mestranda em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: aquila_negrini@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2636989212976798>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6199-4080>.

3 Doutorando em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: bernardooliveir@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2086143288535162>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1873-6721>.

4 Mestrando em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: ddlsspsi@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3419419481792666>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4185-2402>.

5 Doutoranda em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: kricafer4576@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5144313449139339>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9456-1428>.

6 Mestrando em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: robernanju@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1293406235735529>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7590-336X>.

7 Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: valeria.calipo@metodista.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3245433008733823>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0186-6549>.

8 Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. E-mail: cristianoandradepsyco@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4545996046906191>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7980-7207>.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 8 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





RESUMO

O adolescer é descrito como um período complexo, marcado por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais. Objetivando compreender como adolescentes significam a saúde mental, considerando suas experiências e contextos socioculturais. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa, conduzida conforme as recomendações do PRISMA. As buscas foram realizadas nas bases SciELO e PubMed, considerando estudos publicados entre 2020 e 2025. Após as etapas de identificação, triagem e elegibilidade, cinco estudos compuseram o corpus de análise. Os resultados evidenciaram que escuta, vínculo, pertencimento, participação, expressão, autonomia e criação constituem dimensões relevantes para a promoção e o cuidado em saúde mental. Escola, serviços de atenção psicossocial, projetos artístico-culturais, oficinas e práticas criativas mostraram-se espaços potentes para favorecer participação e construção de sentidos. Os achados também apontaram a importância de reconhecer adolescentes como sujeitos ativos na construção do cuidado, superando práticas adultocêntricas e individualizantes. À luz da perspectiva existencial, conclui-se que promover saúde mental envolve criar condições para que adolescentes possam construir significados, estabelecer vínculos, reconhecer possibilidades e participar ativamente de suas trajetórias.

Palavras-chave: Saúde do Adolescente; Promoção da Saúde Mental; Protagonismo Juvenil; Logoterapia; Participação da Comunidade.

ABSTRACT

Adolescence is described as a complex period marked by intense biological, psychological, and social transformations. This study aims to understand how adolescents conceptualize mental health, taking into account their experiences and sociocultural contexts. It is a systematic literature review with a qualitative approach, conducted in accordance with PRISMA guidelines. Searches were performed in the SciELO and PubMed databases, covering studies published between 2020 and 2025. Following the identification, screening, and eligibility stages, five studies formed the analysis corpus. The results highlighted that listening, bonding, a sense of belonging, participation, expression, autonomy, and creativity constitute relevant dimensions for mental health promotion and care. Schools, psychosocial care services, artistic-cultural projects, workshops, and creative practices proved to be powerful spaces for fostering participation and the construction of meaning. The findings also underscored the importance of recognizing adolescents as active agents in shaping their own care, moving beyond adult-centric and individualizing practices. From an existential perspective, the study concludes that promoting mental health involves creating conditions that enable adolescents to construct meanings, establish bonds, recognize possibilities, and actively participate in their own life trajectories.

Keywords: Adolescent Health; Mental Health Promotion; Youth Agency; Logotherapy; Community Participation.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a adolescência tem se constituído como um importante campo de discussão nas produções científicas, diante do avanço das problematizações acerca do





sofrimento psíquico juvenil e das transformações sociais que atravessam os modos contemporâneos de existir (SANTOS, MAGALHÃES E MATOS, 2025). No cenário brasileiro, Takeiti e Vicentin (2019), discutem como as produções científicas sobre juventudes historicamente se organizaram em torno de perspectivas marcadas pela vulnerabilização, criminalização e patologização das experiências juvenis, sobretudo quando associadas às desigualdades sociais e territoriais (TAKEITI & VICENTIN 2019). Em diálogo com essas discussões, pesquisas sugerem deslocamentos importantes no campo da saúde mental infantojuvenil, enfatizando a participação ativa de adolescentes, a escuta qualificada e a produção compartilhada de cuidado como elementos centrais para compreender os modos pelos quais os jovens significam suas experiências de sofrimento e bem-estar (TÁPARO ET AL., 2023; GASPARINI & CID, 2025).

Ao longo da história, a adolescência foi categorizada sob o signo da vulnerabilidade e da transgressão, produzindo leituras que reduziram a experiência do adolescer a uma condição de conflito, descontrole e adoecimento. Nesta perspectiva, fenômenos como ansiedade, depressão, automutilação e ideação suicida passaram a ocupar centralidade nas discussões científicas, contribuindo para a consolidação de discursos medicalizantes acerca das juventudes contemporâneas (COLAU ET AL., 2022; TAKEITI & VICENTIN, 2019).

Entretanto, ao tensionar estes construtos, cabe a necessidade de deslocar o olhar lançado sobre os adolescentes, compreendendo-os para além de categorias homogêneas e patologizantes. Mais do que uma etapa universal do desenvolvimento, a adolescência passa a ser concebida como uma experiência plural, atravessada por marcadores sociais, culturais, territoriais e históricos que produzem diferentes modos de subjetivação e pertencimento (GREGOLETTO, KIMURA E DELLAZZANA-ZANO, 2025). Nessa direção, adolescentes deixam de ocupar exclusivamente o lugar de objeto de investigação e passam a ser reconhecidos como sujeitos ativos na produção de sentidos acerca de suas próprias experiências. Este movimento possibilita significativos deslocamentos no campo da saúde mental infantojuvenil, sobretudo ao enfatizar práticas participativas, escuta qualificada e protagonismo juvenil como elementos fundamentais para a construção do cuidado em saúde mental (TÁPARO ET AL., 2023; GASPARINI & CID, 2025).





A adolescência constitui, portanto, um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais, envolvendo processos complexos de construção identitária, reconhecimento e pertencimento (AVILA E ANDRADE, 2024). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente define como adolescente o indivíduo que se encontra compreendida entre 12 e 18 anos (LEI N.º 8.069, 1990), enquanto a Organização Mundial da Saúde delimita essa fase entre 10 e 19 anos (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2014).

Contudo, tais delimitações etárias, embora importantes no campo jurídico e institucional, não esgotam a complexidade que atravessa a experiência adolescente, uma vez que esta se constitui de maneira singular em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

A saúde mental nessa fase do ciclo vital se configura como uma preocupação crescente em nível global. No contexto brasileiro, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), evidenciam a expressividade do sofrimento psíquico experimentado por adolescentes brasileiros. Partindo dos resultados entre os adolescentes de 13 a 17 anos, 50,6% relataram sentir preocupação excessiva com questões cotidianas, 40,9% afirmaram sentir-se irritados, nervosos ou mal-humorados na maior parte do tempo e 21,4% apontaram que, em determinados momentos, sentiram que a vida não valia a pena ser vivida (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2021). É importante pontuar que o que estes dados denunciam, não é apenas o avanço do sofrimento emocional entre adolescentes, mas sim, a urgência de práticas de cuidado que ultrapassem modelos individualizantes e patologizantes de compreensão da saúde mental adolescente.

Assim, torna-se fundamental ampliar as formas de compreender a saúde mental na adolescência, incorporando os significados que os próprios jovens atribuem às suas experiências. Nesta direção, Viktor Frankl (2016) compreende saúde e adoecimento como modos de existir atravessados pelas experiências humanas, pelas escolhas e pela possibilidade de atribuição de sentido à vida, mesmo diante do sofrimento. Assim, pensar estratégias de promoção da saúde mental abarca não apenas prevenir agravos, mas também favorecer a





autonomia, o protagonismo e a construção de significados no contexto comunitário em que os adolescentes estão inseridos.

Frente ao até aqui exposto, este estudo tem como objetivo compreender como adolescentes significam a saúde mental, à luz de abordagens participativas e de uma perspectiva existencial, considerando suas experiências e contextos socioculturais.

2. MÉTODO

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa, conduzida com base nas recomendações do método PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), visando sistematizar e apresentar de forma transparente o processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos. O estudo teve como objetivo compreender como a literatura recente aborda a relação entre protagonismo juvenil, práticas comunitárias e saúde mental na adolescência, considerando uma perspectiva existencial.

A pergunta norteadora da revisão foi: Como a literatura recente (2020–2025) aborda a relação entre protagonismo juvenil, práticas comunitárias e saúde mental na adolescência sob uma perspectiva existencial?. A partir dessa questão, foram definidas as estratégias de busca, os critérios de elegibilidade e os procedimentos de seleção dos estudos. O período da busca se deu de março de 2026 à maio de 2026.

As buscas foram realizadas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PubMed, selecionadas por contemplarem produções científicas nacionais e internacionais nas áreas da saúde, Psicologia e ciências humanas, possibilitando o acesso a estudos relacionados à saúde mental na adolescência e às práticas participativas e comunitárias. Foram utilizados descritores e termos livres relacionados à adolescência, saúde mental, participação e protagonismo juvenil, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Na base SciELO, foi utilizada a seguinte estratégia de busca: (adolescente OR adolescentes OR adolescência OR juventude OR jovens) AND ("saúde mental") AND ("participação juvenil" OR protagonismo OR "protagonismo juvenil" OR participação). A





busca inicial resultou em 54 registros. Posteriormente, foi aplicado o filtro temporal correspondente ao período de 2020 a 2025, resultando em 23 registros. Na sequência, foram excluídos os registros duplicados, permanecendo 17 estudos. Após a aplicação do filtro referente à disponibilidade de texto completo gratuito, foram identificados 14 estudos para a etapa subsequente. Esses estudos foram submetidos à leitura dos títulos e resumos, considerando os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Nessa etapa, 4 estudos foram selecionados para leitura na íntegra e incluídos no artigo, enquanto os demais foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos, especialmente quanto à pertinência temática, à população investigada e à relação com a saúde mental, o protagonismo juvenil, a participação ou as práticas comunitárias.

Na base PubMed, a busca foi estruturada a partir dos três eixos centrais da investigação: adolescentes, saúde mental e participação/protagonismo. A busca inicial resultou em 555 registros. Após a aplicação do filtro temporal correspondente ao período de 2020 a 2025, permaneceram 296 registros. Em seguida, foi aplicado o filtro referente à disponibilidade de texto completo gratuito, resultando em 222 registros. Esses registros foram submetidos à leitura dos títulos e resumos, a partir dos critérios de elegibilidade definidos para a revisão. Nessa etapa, 6 estudos foram selecionados para leitura na íntegra, enquanto os demais foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos, especialmente quanto à pertinência temática, à população investigada e à relação com a saúde mental, o protagonismo juvenil, a participação ou as práticas comunitárias. Após a leitura final, apenas 1 artigo foi selecionado para fazer parte deste estudo, os outros não atenderam aos critérios estabelecidos.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos empíricos, revisados por pares, que abordassem especificamente a adolescência e a saúde mental, publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas inglês, português ou espanhol e com acesso ao texto completo gratuito. Foram considerados estudos que apresentassem relação com o protagonismo juvenil, a participação de adolescentes e/ou práticas comunitárias relacionadas à promoção ou compreensão da saúde mental.

Foram excluídos estudos de revisão, estudos teóricos, pesquisas com foco exclusivo na saúde mental de adultos, estudos que abordassem adolescentes sem contemplar a saúde





mental como objeto de investigação e estudos centrados exclusivamente em abordagens biomédicas ou diagnósticas, sem articulação com aspectos psicossociais, participativos ou contextuais relacionados à saúde mental na adolescência.

Após a etapa de triagem por títulos e resumos, foram selecionados 5 estudos para leitura na íntegra, sendo 4 provenientes da SciELO e 1 da PubMed. Os textos completos foram analisados de forma detalhada na etapa de elegibilidade, considerando a aderência à pergunta norteadora, aos critérios de inclusão e exclusão e à pertinência das contribuições apresentadas para o objetivo da revisão. Os estudos que não atenderam integralmente aos critérios estabelecidos foram excluídos.

A seleção dos estudos seguiu as etapas recomendadas pelo PRISMA, compreendendo identificação dos registros, triagem, avaliação de elegibilidade e inclusão dos estudos. O processo foi sistematizado por meio de um fluxograma PRISMA, permitindo representar o número de registros identificados em cada base, os estudos excluídos em cada etapa, os textos completos avaliados e o quantitativo final de estudos incluídos na revisão.

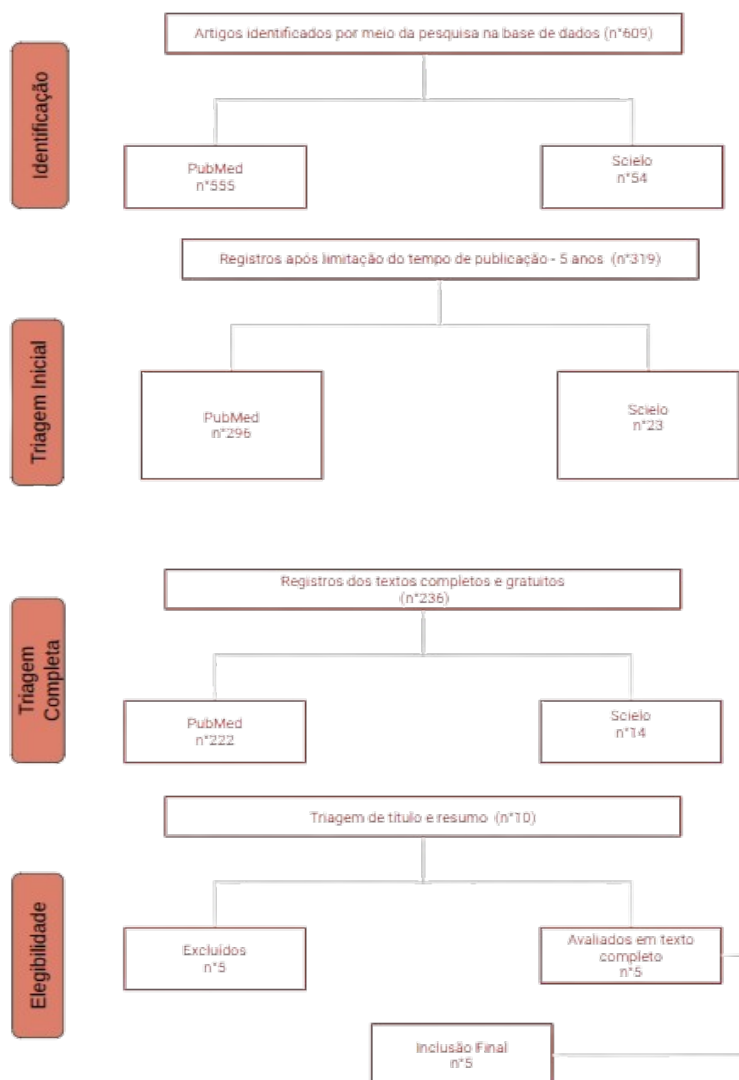
A análise dos dados foi conduzida por meio de síntese qualitativa, mediante leitura aprofundada dos estudos incluídos e organização dos achados em categorias temáticas. Foram considerados, especialmente, aspectos relacionados às formas de compreensão da saúde mental pelos adolescentes, às experiências de protagonismo e participação juvenil, às práticas comunitárias e aos contextos socioculturais envolvidos na produção do cuidado e do bem-estar. A interpretação dos achados foi articulada à perspectiva existencial no que se refere à produção de sentidos, autonomia, escolhas, relações e possibilidades de existência dos adolescentes em seus contextos de vida.

Por se tratar de uma revisão sistemática da literatura, desenvolvida exclusivamente a partir de dados e informações disponíveis em produções científicas já publicadas e de acesso público, o estudo não envolveu contato direto com seres humanos, coleta de dados primários ou acesso a informações pessoais identificáveis. Dessa forma, não houve submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que a investigação se restringiu à análise de material bibliográfico disponível na literatura científica.





Figura 1. Fluxograma adaptado ao modelo PRISMA utilizado na seleção dos estudos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A saúde mental na adolescência constitui um fenômeno complexo, atravessado por dimensões psicológicas, sociais, culturais e relacionais. Nesse contexto, torna-se fundamental superar perspectivas centradas exclusivamente na vulnerabilidade e na patologização, reconhecendo os adolescentes como sujeitos ativos na construção de sentidos sobre suas próprias experiências. Assim, práticas participativas e comunitárias, pautadas na

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 8 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





escuta, no vínculo, no pertencimento e na autonomia, apresentam-se como importantes possibilidades de promoção do cuidado e de fortalecimento do protagonismo juvenil. Dessa forma, os artigos selecionados na Tabela 1 apresentam os critérios que qualificaram a sua seleção.

Figura 2. Seleção dos artigos utilizados e critérios de qualificação.

AUTOR	ANO	TÍTULO	COMENTÁRIO
Oliveira et al.	2024	Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial	O estudo contribui para compreender a escola como espaço de promoção da saúde mental, destacando a importância da participação dos adolescentes, do pertencimento e da articulação entre escola, comunidade e rede de atenção psicossocial.
Sousa et al.	2025	A construção do cuidado aos adolescentes sobreviventes de tentativa de suicídio: perspectivas de profissionais de Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil	Foi incluído por apresentar práticas de cuidado que valorizam escuta, vínculo, autonomia e participação dos adolescentes, além de evidenciar a importância do território e da articulação intersetorial na atenção ao sofrimento psíquico juvenil.
Souza, Fernandes e Cid	2025	Promoção à saúde mental de adolescentes: a arte-cultura como estratégia de cuidado psicossocial	Apresenta forte relação com o objetivo da revisão ao evidenciar a arte e a cultura como espaços de pertencimento, expressão, autonomia e participação juvenil, reconhecendo os adolescentes como sujeitos ativos na construção de suas experiências e do próprio conhecimento.
Leme et al.	2025	Relato de Experiência: Oficinas para Promoção de Saúde Mental e Prevenção do Suicídio com Estudantes	Contribui ao apresentar uma prática coletiva de promoção da saúde mental no contexto escolar, valorizando diálogo, expressão emocional, empatia, apoio entre pares e participação dos estudantes na reflexão sobre situações presentes em seu cotidiano.





AUTOR	ANO	TÍTULO	COMENTÁRIO
Miao e Stewart	2022	Composição musical e autoimagem juvenil	Foi incluído por demonstrar como uma prática artística participativa pode favorecer expressão, autoria, empoderamento e sentimento de realização entre adolescentes, contribuindo para a discussão sobre protagonismo juvenil, autoconceito e construção de sentidos.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Para o desenvolvimento da discussão, torna-se possível organizar a reflexão em torno de três eixos interdependentes: (1) a adolescência como etapa de intensas transformações e vulnerabilidades; (2) o adolescente como sujeito ativo e protagonista; e (3) as metodologias criativas e participativas como ferramentas potentes no acesso aos significados atribuídos à saúde mental. A articulação entre esses eixos possibilita compreender o fenômeno investigado de forma ampliada e contextualizada.

O primeiro eixo refere-se à adolescência enquanto etapa marcada por intensas transformações biológicas, emocionais, cognitivas e sociais. Erikson (1968) compreende esse período como um momento atravessado por conflitos relacionados à construção da identidade, em que o sujeito busca integrar papéis sociais e construir um senso de continuidade sobre si mesmo. Steinberg (2014) complementa essa perspectiva ao afirmar que as mudanças características da adolescência não devem ser compreendidas apenas sob a ótica da crise, mas também como possibilidades de fortalecimento da autonomia e da emancipação subjetiva. Assim, embora esse período possa intensificar sentimentos de angústia, insegurança e sofrimento psíquico, também pode favorecer processos de amadurecimento e construção de novas formas de existir.

Ainda assim, o processo do adolescer permanece frequentemente associado a experiências de vulnerabilidade emocional. Rossi et al. (2019) apontam que os adolescentes vivenciam intensamente as exigências sociais contemporâneas, sendo constantemente atravessados por cobranças externas que produzem desgaste psíquico e sentimentos de insuficiência. A ausência de espaços de diálogo e acolhimento pode fortalecer experiências de autoculpabilização e frustração, sobretudo quando os conflitos da adolescência são





minimizados ou tratados como algo temporário. Em outras palavras, o discurso de que “vai passar” muitas vezes contribui para o não reconhecimento das demandas legítimas dessa fase, produzindo silenciamentos e dificultando a elaboração do sofrimento.

O segundo eixo enfatiza a necessidade de reconhecer o adolescente como sujeito ativo e protagonista nos processos de cuidado e produção de conhecimento. Historicamente, os adolescentes foram posicionados como “seres em formação”, o que limitou sua participação em pesquisas e práticas em saúde (BESSANT, 2008). Romper com essa lógica adultocêntrica constitui um desafio fundamental para o campo da saúde mental infantojuvenil. Persson, Hagquist e Michelson (2017) defendem que a efetividade das intervenções em saúde mental está diretamente relacionada à escuta qualificada e à inclusão dos adolescentes nos processos decisórios. Bell et al. (2024) aprofundam essa discussão ao defenderem práticas de coprodução em saúde mental, nas quais os adolescentes participam ativamente como parceiros da pesquisa, produzindo conhecimentos mais coerentes com suas realidades e experiências, o que indica a necessidade de se promover espaços de fala e escuta genuína, capazes de reconhecer os adolescentes como sujeitos de direitos, produtores de sentido e participantes ativos da vida social e política. Araújo e Tondin (2023) ressaltam a importância de compreender as transformações geracionais e de desenvolver pesquisas que dialoguem continuamente com as experiências juvenis. A valorização das narrativas dos próprios adolescentes fortalece não apenas sua participação em pesquisas e intervenções, mas também processos de autonomia, cidadania e pertencimento social (SILVA ET AL., 2019).

O terceiro eixo aborda as metodologias criativas e participativas como ferramentas potentes no acesso às dimensões subjetivas da experiência juvenil. Recursos como desenhos, fotografias, músicas e produções digitais ampliam as possibilidades de expressão e favorecem a construção de narrativas autênticas e contextualizadas (LIEBENBERG, 2009; KARA, 2015). Gómez-Restrepo et al. (2022) demonstram que práticas artísticas desenvolvidas em organizações juvenis fortalecem autoestima, resiliência e vínculos sociais, corroborando o potencial dessas estratégias no campo da promoção da saúde mental.

Os três eixos discutidos articulam-se de maneira indissociável. Compreender a adolescência como etapa de intensas transformações e vulnerabilidades implica reconhecer a





necessidade de valorizar o adolescente como sujeito ativo e protagonista de sua própria experiência. Para se obter essa valorização, sobretudo em contextos comunitários, demanda aplicar métodos coerentes com suas formas de expressão e comunicação, favorecendo práticas de escuta, participação e construção coletiva de sentidos. Esta articulação sustenta a proposta deste estudo, que toma como referência a pesquisa desenvolvida por Gasparini e Cid (2025), buscando compreender de que forma contextos socioculturais atravessam as compreensões adolescentes sobre saúde mental (SCHMIDT, 2009).

A promoção da saúde mental na adolescência deve ainda ser compreendida em articulação com os contextos comunitários nos quais os jovens estão inseridos. Família, escola e redes sociais desempenham papel fundamental na construção de vínculos, pertencimento e suporte emocional. Estratégias coletivas, como grupos de escuta e intervenções comunitárias, contribuem para o fortalecimento da autonomia, da consciência crítica e da elaboração das experiências subjetivas no cotidiano juvenil. Dito isto, parte-se para a análise dos textos selecionados no método.

A análise dos estudos selecionados aponta, inicialmente, para a necessidade de compreender a saúde mental na adolescência para além de uma perspectiva individual, considerando os espaços de convivência, as relações estabelecidas e as condições sociais que atravessam a experiência dos jovens. Nesse sentido, o ambiente escolar ganha relevância não apenas por concentrar grande parte das vivências cotidianas dos adolescentes, mas também por constituir um espaço no qual diferentes formas de sofrimento, conflitos e possibilidades de cuidado se tornam visíveis. Ao investigarem a promoção da saúde mental em uma escola pública do Rio de Janeiro, Oliveira e colaboradores (2024) identificaram a violência e os conflitos escolares como alguns dos principais desafios percebidos pelos professores, destacando que essas situações não se restringem às relações estabelecidas dentro da escola, mas se relacionam às condições sociais e territoriais vivenciadas pelos estudantes.

Um aspecto que chama atenção nos resultados é a existência de um distanciamento entre as experiências dos adolescentes e a forma como a instituição escolar compreende essas experiências. Os professores participantes reconheceram diferenças entre aquilo que denominaram cultura da “comunidade”, relacionada às experiências socioculturais dos alunos





e familiares, e a cultura do “asfalto”, associada às referências sociais predominantes entre os profissionais da escola. Para Oliveira et al. (2024), a dificuldade de estabelecer espaços de diálogo entre essas diferentes realidades contribui para a produção de conflitos e para o enfraquecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes. Nesse cenário, determinadas formas de expressão dos adolescentes podem ser interpretadas apenas como comportamentos inadequados ou problemáticos, sem que sejam considerados os contextos nos quais essas experiências são construídas.

A análise dos estudos selecionados aponta para uma compreensão da saúde mental na adolescência que ultrapassa perspectivas centradas apenas no indivíduo e em suas manifestações de sofrimento. De modo geral, os achados destacam a importância dos espaços de convivência, das relações, da participação e das condições sociais que atravessam as experiências juvenis. Nesse sentido, escola, serviços de saúde, projetos artístico-culturais e atividades coletivas aparecem não somente como locais nos quais ações de saúde mental podem ser desenvolvidas, mas como contextos que participam da própria construção das experiências de cuidado, pertencimento e reconhecimento dos adolescentes.

Entre os caminhos apontados estão a construção coletiva de regras escolares, a ampliação dos espaços de fala e deliberação, a participação de estudantes e familiares e o fortalecimento da articulação entre escola e rede de atenção psicossocial (OLIVEIRA ET AL., 2024). Ao mesmo tempo, os professores relataram receber demandas relacionadas à violência, ao sofrimento psíquico, às dificuldades econômicas e às violações de direitos, muitas vezes sem recursos suficientes para responder a elas. A colaboração intersetorial torna-se, assim, uma condição importante para o cuidado, uma vez que as experiências de saúde e sofrimento dos adolescentes são atravessadas simultaneamente pela família, escola, comunidade, serviços de saúde e demais condições concretas de vida.

A necessidade de construir redes de cuidado que ultrapassem os limites institucionais também aparece no estudo de Sousa et al. (2025), realizado com profissionais de Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) que atendem adolescentes sobreviventes de tentativa de suicídio. Os autores identificaram acolhimento, vínculo, atendimentos individuais, atividades grupais e ações realizadas fora dos serviços como importantes formas





de cuidado. Em contrapartida, a fragilidade da articulação intersetorial, a insuficiência de profissionais e serviços no território e as dificuldades presentes nas relações familiares aparecem como obstáculos para uma atenção que considere a complexidade do sofrimento adolescente.

Nesse contexto, a escuta assume um lugar central. Sousa et al. (2025) apontam que acolher envolve reconhecer a necessidade de ouvir o adolescente de maneira individual e oferecer condições para que possa falar sobre aquilo que vivencia. Essa postura torna-se especialmente relevante diante da percepção dos profissionais de que muitos adolescentes em sofrimento encontram poucos espaços nos quais se sentem verdadeiramente ouvidos. A escuta, portanto, não se limita à identificação de sintomas ou fatores de risco, mas se aproxima de uma forma de cuidado que reconhece a experiência singular do jovem.

As práticas desenvolvidas nos CAPS reforçam essa compreensão. Entre as estratégias relatadas estão grupos de fala, atividades artísticas, horta, skate e ações realizadas fora dos próprios serviços. Um aspecto significativo é que os formatos de alguns desses grupos foram construídos com a participação dos adolescentes (SOUSA ET AL., 2025). Nesse movimento, o jovem deixa de ocupar exclusivamente o lugar daquele que recebe uma intervenção previamente definida pelos profissionais e passa a participar da construção das estratégias relacionadas ao próprio cuidado. O protagonismo juvenil passa, assim, a se relacionar também à possibilidade de escolha e participação nas decisões que envolvem sua experiência.

Os autores destacam ainda práticas voltadas à ampliação da circulação dos adolescentes pelo território, ao estabelecimento de vínculos sociais e ao reconhecimento de interesses e atividades que possam produzir identificação e prazer. Essa dimensão ganha importância diante de relações sociais fragilizadas e da existência, para alguns adolescentes, de poucas experiências para além da escola ou dos serviços de saúde mental. O cuidado passa a envolver não apenas a redução do sofrimento imediato, mas também a criação de possibilidades para que o adolescente estabeleça relações, reconheça seus interesses e encontre outros espaços de pertencimento (SOUSA ET AL., 2025).

Os resultados também evidenciam tensões entre o modelo psicossocial e práticas ainda marcadas pela patologização. Sousa et al. (2025) identificaram situações nas quais





manifestações de sofrimento adolescente são direcionadas à busca por diagnóstico, medicação ou afastamento escolar. Tal aspecto reforça a importância de considerar as dimensões relacionais, familiares, sociais e territoriais envolvidas no sofrimento, evitando que experiências complexas sejam reduzidas exclusivamente a categorias diagnósticas. Essa compreensão não significa negar a importância dos recursos clínicos quando necessários, mas reconhecer que o cuidado em saúde mental não se esgota neles.

A participação juvenil ganha contornos ainda mais evidentes no estudo de Souza, Fernandes e Cid (2025), realizado com adolescentes vinculados a projetos artístico-culturais. A pesquisa adotou uma abordagem participativa, possibilitando que os próprios adolescentes contribuíssem para a construção e validação dos conhecimentos produzidos sobre suas experiências. Essa escolha se mostra significativa, pois reconhecer o adolescente como sujeito capaz de falar sobre sua saúde mental implica também considerar sua participação na produção do conhecimento acerca de si e de sua realidade.

Os resultados mostram que a participação em projetos de arte e cultura ultrapassa a realização de uma atividade artística. Para os adolescentes, esses espaços favorecem novas relações, maior circulação pela cidade, desenvolvimento de uma percepção crítica da realidade e experiências de acolhimento e pertencimento. A promoção da saúde mental aparece, dessa maneira, relacionada também à ampliação dos espaços de existência e participação dos adolescentes (SOUZA, FERNANDES E CID, 2025).

O pertencimento se apresenta como uma dimensão importante dessas experiências. Os adolescentes reconheceram os projetos como espaços nos quais encontravam acolhimento e maior liberdade para falar, questionar e expressar aquilo que pensavam. A partir dessas vivências, foram identificados fortalecimento da sociabilidade, reflexão crítica e reconhecimento de novas possibilidades (SOUZA, FERNANDES E CID, 2025). Esses resultados dialogam com os achados encontrados nos contextos escolar e de atenção psicossocial, nos quais escuta, vínculo e participação também aparecem como elementos importantes. Entretanto, no contexto artístico-cultural, o pertencimento ganha uma dimensão particular, pois se constrói também pela possibilidade de criar, circular, estabelecer novas





relações e reconhecer-se como parte de um espaço no qual a expressão do adolescente possui valor.

Outro aspecto relevante está na forma como os próprios adolescentes compreendem determinados comportamentos que poderiam ser interpretados pelos adultos como rebeldia ou transgressão. Os participantes relacionaram mudanças em suas formas de pensar e se posicionar ao desenvolvimento de uma percepção mais crítica sobre questões sociais, políticas, desigualdades, machismo e outras formas de violência. Souza, Fernandes e Cid (2025) mostram que aquilo que pode ser percebido por familiares como transgressão é significado pelos próprios adolescentes como expressão de liberdade e maior capacidade de posicionamento. Esse resultado tenciona compreensões que associam automaticamente a contestação adolescente ao risco ou à inadequação, uma vez que questionar aquilo que anteriormente era aceito pode também representar movimentos de construção de autonomia e posicionamento diante da realidade.

Nesse sentido, a arte-cultura não se restringe à expressão artística, mas se constitui como possibilidade de convivência, circulação, reconhecimento e ampliação das experiências. Os coordenadores e monitores desses projetos também foram reconhecidos pelos adolescentes como figuras de referência e apoio, sendo que, em alguns casos, essas relações contribuíram para a construção de projetos e perspectivas futuras (SOUZA, FERNANDES E CID, 2025). Assim, os vínculos construídos nesses espaços podem favorecer não somente a sensação de acolhimento, mas também a possibilidade de imaginar outros caminhos e reconhecer novas possibilidades para a própria vida.

A construção de espaços coletivos de fala e participação também foi identificada por Leme et al. (2025), que analisaram a percepção de estudantes do ensino médio acerca de oficinas voltadas à promoção da saúde mental e à prevenção do suicídio no contexto escolar. As atividades abordaram autoconhecimento, expressão das emoções, empatia, relações interpessoais, redes de apoio e situações de violência, utilizando estratégias de discussão em grupos, encenação e resolução coletiva de problemas. Ao priorizar atividades que exigiam diálogo e participação, as oficinas buscaram se afastar de uma lógica exclusivamente





informativa e favorecer a reflexão sobre experiências presentes no cotidiano dos próprios estudantes.

Os resultados apontaram uma avaliação predominantemente positiva das oficinas, especialmente quanto à possibilidade de reconhecer situações de violência, expressar empatia e oferecer acolhimento a colegas em sofrimento. Leme et al. (2025) observaram que os estudantes reconheceram benefícios relacionados à capacidade de apoiar pessoas próximas e identificar situações de bullying, cyberbullying e outras formas de violência. Além disso, a percepção de que as oficinas foram positivas para os estudantes de maneira geral apareceu de forma expressiva, indicando o reconhecimento do valor coletivo da experiência.

Esses achados reforçam que a promoção da saúde mental não se restringe ao desenvolvimento de recursos individuais, mas envolve também a qualidade das relações estabelecidas entre os jovens. Empatia, solidariedade, apoio entre pares e possibilidade de falar sobre o sofrimento aparecem como recursos construídos nas relações. As falas analisadas por Leme et al. (2025) evidenciam ainda a necessidade de espaços nos quais sentimentos e experiências possam ser discutidos dentro da escola, sobretudo diante da dificuldade de alguns estudantes em falar sobre aquilo que vivenciam.

Por outro lado, os estudantes apresentaram menor concordância em aspectos relacionados à aproximação com os adultos da escola e à procura de ajuda junto aos professores (LEME ET AL., 2025). Esse resultado revela uma questão importante: a existência de profissionais ou serviços não significa que o adolescente os reconheça como fontes de apoio. A construção do cuidado depende também da confiança estabelecida nas relações. Nesse sentido, os achados se aproximam daqueles encontrados nos demais estudos, reforçando a necessidade de que os espaços institucionais não apenas ofereçam ações voltadas aos adolescentes, mas construam condições para que eles possam participar, falar e serem reconhecidos em suas experiências.

Ao comparar essas experiências, torna-se importante distinguir a participação de protagonismo. Nas oficinas analisadas por Leme et al. (2025), os estudantes participaram das atividades e puderam avaliar seus efeitos, embora a estrutura da intervenção tenha sido organizada previamente pelos adultos. Já no estudo de Souza, Fernandes e Cid (2025), os





adolescentes participaram também da construção e validação do conhecimento produzido. De maneira semelhante, Sousa et al. (2025) identificaram experiências nas quais os próprios adolescentes participaram da definição dos formatos das atividades de cuidado. Esses diferentes níveis de participação mostram que o protagonismo juvenil não se resume à presença do adolescente em determinada atividade, mas envolve o reconhecimento de sua capacidade de interferir nas decisões e construções que dizem respeito à sua própria experiência.

Essa dimensão de autoria aparece de maneira particular no estudo de Miao e Stewart (2022), realizado com adolescentes de 12 a 16 anos a partir de oficinas de composição musical. Durante cinco encontros, os participantes foram convidados a escrever, compor e compartilhar suas próprias produções. A proposta colocou os adolescentes no lugar de criadores, permitindo que pensamentos, experiências e aspectos relacionados à própria identidade fossem transformados em produções artísticas.

A análise qualitativa identificou empoderamento e sentimento de realização como temas centrais nas experiências dos participantes. Os adolescentes relataram satisfação por conseguirem produzir algo próprio e reconheceram suas capacidades ao longo do processo de composição (MIAO E STEWART, 2022). Embora as medidas quantitativas de autoestima e autoeficácia tenham apresentado apenas pequenos aumentos, sem significância estatística, os dados qualitativos evidenciaram experiências positivas relacionadas ao autoconceito. Esse resultado chama atenção para a importância de considerar aquilo que os próprios adolescentes relatam sobre suas experiências, sobretudo diante de fenômenos subjetivos que nem sempre podem ser compreendidos integralmente por medidas padronizadas.

A composição musical permitiu aos participantes expressar ideias e experiências pessoais ao mesmo tempo em que acompanhavam a transformação dessas experiências em uma produção concreta. O sentimento de realização identificado por Miao e Stewart (2022) pode, nesse sentido, ser compreendido a partir da possibilidade de reconhecer-se como alguém capaz de criar. Esse resultado se aproxima dos achados de Souza, Fernandes e Cid (2025), nos quais as práticas artístico-culturais também favoreceram a expressão, autonomia e ampliação das possibilidades percebidas pelos adolescentes. Enquanto o primeiro estudo





evidencia de maneira mais clara pertencimento, relações comunitárias e circulação pelo território, o segundo permite observar de forma mais próxima aspectos relacionados ao autoconceito, à autoria e ao reconhecimento das próprias capacidades.

Quando os cinco estudos são analisados em conjunto, percebe-se que diferentes contextos e estratégias convergem para alguns elementos comuns. Escuta, vínculo, pertencimento, participação, expressão, autonomia e criação aparecem como dimensões importantes na promoção e no cuidado em saúde mental na adolescência. Embora os estudos partam de contextos distintos, seus resultados sugerem que práticas capazes de reconhecer o adolescente como sujeito ativo ampliam as possibilidades de construção do cuidado. O protagonismo juvenil, nesse sentido, não se limita à tomada formal de decisões, mas envolve encontrar condições para falar, questionar, criar, estabelecer relações e participar das experiências que atravessam sua própria vida.

Esses resultados permitem retomar a crítica às perspectivas que compreendem a adolescência prioritariamente a partir do risco, da vulnerabilidade ou da patologia. Os estudos analisados não desconsideram a existência do sofrimento psíquico, inclusive em suas manifestações mais graves, como a tentativa de suicídio, mas apontam que o cuidado não pode ser organizado apenas em torno daquilo que falta, adoece ou precisa ser corrigido no adolescente. Ao lado do sofrimento existem relações, interesses, possibilidades de criação, experiências de pertencimento e formas próprias de compreender aquilo que é vivido. Reconhecer essas dimensões permite deslocar o adolescente da posição de objeto da intervenção para a de sujeito participante na construção do cuidado.

É nesse ponto que os achados podem ser aproximados de uma compreensão existencial da saúde mental. Embora os estudos analisados, com exceção da aproximação fenomenológica presente em Miao e Stewart (2022), não adotem diretamente uma perspectiva existencial, seus resultados evidenciam dimensões relacionadas à forma como o adolescente se posiciona diante de sua experiência, estabelece relações e reconhece possibilidades para sua vida. Participar, escolher, criar e pertencer não eliminam as condições sociais ou o sofrimento vivido, mas podem ampliar os caminhos pelos quais o adolescente responde às circunstâncias que atravessam sua existência.





A partir de Frankl, torna-se possível compreender que a existência humana não é definida exclusivamente pelas condições que se apresentam ao sujeito, mas também pelas possibilidades de posicionamento e construção de sentido diante delas. Nessa direção, os resultados analisados permitem pensar que práticas comunitárias e participativas podem favorecer espaços nos quais adolescentes encontrem possibilidades de expressão, escolha, encontro e criação. A arte, a música, os grupos, as oficinas, a circulação pelo território e a participação na construção do cuidado não representam apenas técnicas ou recursos de intervenção, mas podem constituir experiências por meio das quais o adolescente estabelece novas relações consigo, com os outros e com o mundo.

Sob a perspectiva existencial, saúde e adoecimento podem ser compreendidos como modos de existir relacionados à maneira pela qual o sujeito se posiciona diante de suas possibilidades, limites e escolhas (AVILA E ANDRADE, 2024). O sofrimento psíquico, nessa direção, não se reduz a uma condição estritamente patológica, mas pode expressar conflitos inerentes à condição humana, como a busca por sentido, a experiência da liberdade e o enfrentamento da finitude. Frankl (2018) compreende que a principal motivação humana está na busca de sentido, sendo possível encontrar significados para a existência mesmo diante do sofrimento. Assim, experiências de vazio existencial frequentemente presentes na adolescência podem ser compreendidas não apenas como manifestações de adoecimento, mas também como movimentos de busca e construção de sentido (GREGOLETTO, KIMURA, MANTOVANI E DELLAZZANA-ZANON, 2025).

Corroborando essa compreensão, questões fundamentais da existência podem emergir de forma intensa durante a adolescência, justamente por se tratar de um período marcado por mudanças, incertezas e redefinições subjetivas (AVILA E ANDRADE, 2024). Quando não reconhecidas ou elaboradas, estas experiências podem intensificar o sofrimento psíquico. Por outro lado, quando acolhidas e trabalhadas, podem favorecer processos de amadurecimento, fortalecimento subjetivo e construção de novos projetos de vida (GASPARINI E CID, 2025).

Nesse contexto, a Logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, oferece importantes contribuições ao compreender o ser humano como um sujeito orientado pela busca de sentido, mesmo diante do sofrimento, das limitações e das crises existenciais. Sob a perspectiva da





Logoterapia, o sofrimento psíquico na adolescência não pode ser compreendido apenas como expressão sintomatológica ou desorganização emocional, mas também como manifestação das tensões inerentes à condição humana. Viktor Frankl (2015) afirma que “o homem é, em virtude de sua autotranscendência, um ser em busca de sentido”. A busca de sentido, portanto, constitui dimensão fundamental da existência humana e atravessa intensamente os processos de construção identitária presentes na adolescência.

As experiências de vazio, desorientação e falta de pertencimento podem emergir de maneira significativa. Frankl (2015) orienta que “este sentimento de vazio tornou-se, em nossos dias, uma neurose de massa”, acrescentando que o ser humano contemporâneo sofre, sobretudo, de uma “frustração existencial”. Embora Frankl não estivesse se referindo especificamente à adolescência, suas reflexões tornam-se particularmente relevantes para compreender um período do ciclo vital marcado por questionamentos sobre identidade, pertencimento, liberdade e projeto de vida.

Desse modo, a Logoterapia oferece importantes contribuições para a compreensão da saúde mental na adolescência ao deslocar o foco exclusivamente patológico para uma leitura que considera liberdade, responsabilidade, pertencimento e busca de sentido como dimensões centrais da experiência humana (SOARES, COELHO, SILVA E ANDRADE, 2025). Tal perspectiva amplia as possibilidades de cuidado ao reconhecer o adolescente não apenas como alvo de intervenções, mas como sujeito capaz de construir significados, realizar escolhas e encontrar caminhos singulares de existência, mesmo diante do sofrimento e das adversidades.

Sendo assim, a saúde mental na adolescência pode ser compreendida para além da ausência de sintomas ou da prevenção de agravos. Os estudos analisados apontam para uma compreensão relacionada também à possibilidade de estabelecer vínculos significativos, sentir-se pertencente, ser ouvido, participar das decisões, expressar-se e reconhecer possibilidades para a própria existência. O protagonismo juvenil assume, assim, uma dimensão importante na construção do cuidado, na medida em que reconhece o adolescente não somente a partir de suas vulnerabilidades, mas como sujeito capaz de produzir sentidos, estabelecer relações e participar ativamente da construção de sua trajetória.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por objetivo compreender como adolescentes significam a saúde mental, considerando suas experiências e contextos socioculturais, a análise realizada ao longo deste texto tornou possível identificar que a saúde mental na adolescência constitui um fenômeno complexo, atravessado por dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e existenciais que não podem ser reduzidas a perspectivas exclusivamente patologizantes ou diagnósticas. Mais do que identificar sintomas ou comportamentos considerados de risco, faz-se necessário compreender os modos pelos quais os adolescentes experienciam, significam e elaboram suas vivências no mundo, considerando os contextos históricos e relacionais nos quais estão inseridos.

Nesse sentido, o estudo buscou elucidar a importância de deslocar o olhar tradicionalmente lançado sobre a adolescência, superando compreensões que frequentemente associam essa etapa do desenvolvimento apenas à crise, à instabilidade ou à vulnerabilidade. Ao reconhecer os adolescentes como sujeitos ativos, produtores de sentido e participantes da construção do próprio cuidado, amplia-se a possibilidade de desenvolvimento de práticas em saúde mental mais éticas, humanizadas e coerentes com as experiências juvenis contemporâneas.

A discussão apresentada também permitiu identificar a relevância das metodologias participativas e criativas como estratégias potentes no acesso às dimensões subjetivas da experiência adolescente. Recursos que favorecem expressão, diálogo, participação e construção coletiva de sentidos mostram-se fundamentais para a promoção de espaços de escuta qualificada, pertencimento e reconhecimento. Nessa direção, a valorização do protagonismo juvenil não se limita à participação em pesquisas ou intervenções, mas relaciona-se diretamente à construção de autonomia, cidadania e fortalecimento subjetivo.

Além disso, destacou-se a necessidade de compreender a saúde mental em articulação com os contextos comunitários e sociais que atravessam o viver juvenil. Família, escola, grupos sociais, espaços comunitários e redes de apoio exercem papel central na construção de vínculos, na elaboração das experiências subjetivas e no fortalecimento das possibilidades de





existência. Assim, pensar práticas de cuidado em saúde mental implica também investir em ações coletivas e comunitárias que favoreçam o acolhimento, participação social e construção de redes de suporte emocional.

Sob a perspectiva existencial da Logoterapia, foi possível compreender que o sofrimento psíquico não se reduz necessariamente a uma condição patológica, podendo expressar conflitos inerentes à própria condição humana, especialmente relacionados à busca por sentido, pertencimento, liberdade e construção identitária. A adolescência, nesse contexto, apresenta-se como um período particularmente sensível para o surgimento de questionamentos existenciais, mas também como momento potencial de descoberta de valores, fortalecimento da autonomia e construção de projetos de vida significativos.

Desse modo, a perspectiva existencial contribui para ampliar as possibilidades de cuidado ao compreender o adolescente não apenas como alvo de intervenções, mas como sujeito capaz de posicionar-se diante da própria existência, construir significados e encontrar caminhos singulares mesmo em contextos adversos. Promover saúde mental, nessa direção, implica criar condições para que os adolescentes possam refletir sobre si, reconhecer suas potencialidades, elaborar suas experiências e construir modos mais autênticos e significativos de existir.

Por fim, faz-se fundamental realizar outros estudos, visando fortalecer discussões e práticas voltadas à promoção da saúde mental na adolescência, especialmente no campo da Psicologia e das intervenções comunitárias. Ressalta-se, assim, a importância de abordagens plurais, participativas e existenciais que reconheçam os adolescentes em sua singularidade, historicidade e capacidade de transformação, possibilitando a construção de práticas de cuidado comprometidas não apenas com a redução do sofrimento, mas com a promoção da vida em sua dimensão mais ampla e humana.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) pelo suporte institucional e acadêmico ao desenvolvimento desta pesquisa. Agradecem também à





Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento recebido por meio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde no ano de 2026.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Érica Pereira; TONDIN, Celso Francisco. Percepções de estudantes e coordenação escolar acerca da adolescência, protagonismo/participação juvenil e escola. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 64, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24840/esc.vi64.463>. Acesso em: mar. 2026.

AVILA, R. G.; ANDRADE, C. J. Psicologia institucional na perspectiva fenomenológica-existencial do ser-aí adolescente. In: SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de; SOBRA, Luciana Onety da Gama (org.). *Amantes do passado: educação, ciências humanas e espacialidades históricas*. v. 3. Itapiranga: Schreiben, 2024. p. 219-231.

BAQUERO-TOMÁS, Marta; GRAU, María Dolores; MOLINER, Anna-Rosa; SANCHIS-SANCHIS, Ana. Meaning in life as a protective factor against depression. *Frontiers in Psychology*, v. 14, 1180082, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1180082>. Acesso em: mar. 2026.

BELL, Beth T.; FOX, Laura; SALHI, Louisa; FITTON, Daniel. Exploring adolescents' and stakeholders' perceptions of online and school-based mental health provision: a co-produced qualitative study. *JCPP Advances*, v. 4, n. 4, e12288, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcv2.12288>. Acesso em: abr. 2026.

BESSANT, Judith. Hard wired for risk: neurological science, “the adolescent brain” and developmental theory. *Journal of Youth Studies*, v. 11, n. 3, p. 347-360, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13676260801948387>. Acesso em: mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: mar. 2026.

COLAU, Laura de Souza; PEREIRA, Talitta; SILVA, Juliana Vieira Almeida; BECKER, Ana Paula Sesti; SARDÁ JUNIOR, Jamir. Adolescência e comportamento autolesivo: uma revisão da literatura nacional. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 14, n. 1, p. 176-196, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4537>. Acesso em: abr. 2026.





ERIKSON, Erik H. *Identity: youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company, 1968.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 43. ed. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANKL, Viktor E. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor E. *Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial*. São Paulo: É Realizações, 2016.

GASPARINI, Danieli Amanda; CID, Maria Fernanda Barboza. A saúde mental retratada por adolescentes: uma pesquisa criativa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 33, e3886, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO399838861>. Acesso em: maio 2026.

GÓMEZ-RESTREPO, Carlos; GODOY CASASBUENAS, Natalia; ORTIZ-HERNÁNDEZ, Natalia; BIRD, Victoria Jane; JASSIR ACOSTA, María Paula; URIBE RESTREPO, José Miguel; MURILLO SARMIENTO, Bryan Alexander; STEFFEN, Mariana; PRIEBE, Stefan. Role of the arts in the life and mental health of young people that participate in artistic organizations in Colombia: a qualitative study. *BMC Psychiatry*, v. 22, n. 1, 757, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-022-04396-y>. Acesso em: abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2021*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: mar. 2026.

KARA, Helen. *Creative research methods in the social sciences: a practical guide*. Bristol: Policy Press, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.56687/9781447320258>. Acesso em: abr. 2026.

LEME, Vanessa Barbosa Romera; SILVA, Amanda Ferreira da; SANTOS, Ana Carolina Fagundes dos; CARVALHO, Damares Moreira de; SANTOS, Kathyllen Bezerra dos; ROSA, Victor de Lima. Relato de experiência: oficinas para promoção de saúde mental e prevenção do suicídio com estudantes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 25, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2025.86204>. Acesso em: maio 2026.





LIEBENBERG, Linda. The visual image as discussion point: increasing validity in boundary crossing research. *Qualitative Research*, v. 9, n. 4, p. 441-467, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468794109337877>. Acesso em: abr. 2026.

MIAO, Sophia; STEWART, Wendy A. Songwriting and youth self-concept. *AMA Journal of Ethics*, v. 24, n. 7, p. E576-E583, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/amajethics.2022.576>. Acesso em: maio 2026.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de; COUTO, Maria Cristina Ventura; SADIGURSCHI, Gabriela; SARDINHA, Gabriel Prata Gonçalves; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. Promoção de saúde mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da atenção psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 34, e34077, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434077pt>. Acesso em: abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Salud para los adolescentes del mundo: una segunda oportunidad en la segunda década*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2014. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/141455>. Acesso em: mar. 2026.

PERSSON, Stefan; HAGQUIST, Curt; MICHELSON, Daniel. Young voices in mental health care: exploring children's and adolescents' service experiences and preferences. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, v. 22, n. 1, p. 140-151, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359104516656722>. Acesso em: abr. 2026.

ROSSI, Livia Maria; MARCOLINO, Taís Quevedo; SPERANZA, Marina; CID, Maria Fernanda Barboza. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, n. 3, e00125018, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00125018>. Acesso em: mar. 2026.

SANTOS, Thais Carvalho dos; MAGALHÃES, Andrea Seixas; MATOS, Mariana Gouvêa. Depressão na adolescência: do reconhecimento do adoecimento aos cuidados na família. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, v. 33, e2025-004, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v33.pe2025-004>. Acesso em: maio 2026.

SCHMIDT, Stefan. Shall we really do it again? The powerful concept of replication is neglected in the social sciences. *Review of General Psychology*, v. 13, n. 2, p. 90-100, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0015108>. Acesso em: mar. 2026.





SILVA, Juliana Ferreira da; MATSUKURA, Thelma Simões; FERIGATO, Sabrina Helena; CID, Maria Fernanda Barboza. Adolescência e saúde mental: a perspectiva de profissionais da atenção básica em saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, e180630, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180630>. Acesso em: abr. 2026.

SOARES, D. L.; COELHO, P. M. F.; SILVA, Áquila N. da; ANDRADE, C. de J. Entre o desempenho e o vazio: uma leitura logoterapêutica da sociedade do cansaço. *Journal of Media Critiques*, v. 11, n. 28, e464, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.17349/jmconv11n28-080>. Acesso em: maio 2026.

SOUSA, Girliani Silva de; FRAZÃO, Mariana Peixoto Castilho; DOMINGOS, Thiago da Silva; PIMENTEL, Fernanda de Almeida; SILVA, Lucía; REINALDO, Amanda Márcia dos Santos. A construção do cuidado aos adolescentes sobreviventes de tentativa de suicídio: perspectivas de profissionais de Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 34, e20250100, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2025-0100pt>. Acesso em: maio 2026.

SOUZA, Thaís Thaler; FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi; CID, Maria Fernanda Barboza. Promoção à saúde mental de adolescentes: a arte-cultura como estratégia de cuidado psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 37, e295894, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2025v37295894>. Acesso em: maio 2026.

STEINBERG, Laurence. *Adolescence*. 10. ed. New York: McGraw-Hill, 2014.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. esp., p. 256-262, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028. Acesso em: abr. 2026.

TÁPARO, Camila Vieira; CID, Maria Fernanda Barboza; MATSUKURA, Thelma Simões. Pesquisa participativa em saúde mental de adolescentes: revisão integrativa. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 16, e49170, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/gerais/article/view/49170>. Acesso em: abr. 2026.

Recebido em: 28/06/2026

Aprovado em: 23/07/2026

Publicado em: 19/08/2026

